

BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

DEZEMBRO DE 2025

CCDR
NORTE
Agricultura

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte



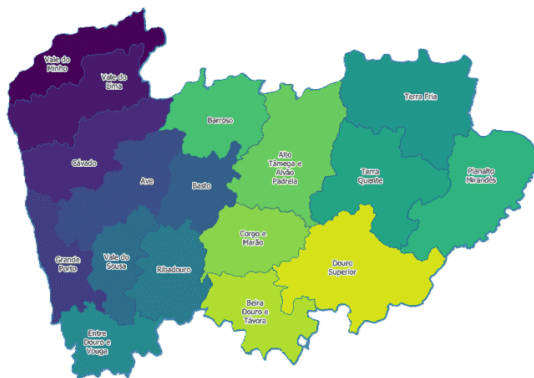
NOTA PRÉVIA

O Estado das Culturas e Previsão das Colheitas (ECPC) é um projeto mensal supervisionado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) que, desde 1945, disponibiliza informação de carácter previsional, relativamente a áreas, produtividades e produções globais das principais culturas, ao nível geográfico do Continente. Desde o dia 1 de janeiro de 2024, na Região Norte, a recolha de informação é efetuada pelos técnicos da CCDR Norte distribuídos pelo território, sobretudo das quatro divisões territoriais do Minho, Porto e Douro, Trás-os-Montes e Alto Douro, sob coordenação da Divisão de Programas e Avaliação.

A necessidade da tomada de decisões políticas e econômicas a curto prazo, especialmente no contexto específico do setor agrícola, não se coaduna com o tempo de espera por dados obtidos por meio de inquéritos ou de organismos de intervenção econômica. Este requisito tem sido cada vez mais evidente nos últimos anos, em consequência do aumento dos efeitos das alterações climáticas. A ocorrência mais frequente de períodos de seca prolongada e eventos meteorológicos extremos requerem uma monitorização contínua do ECPC.

Mensalmente, a CCDDR Norte produz este boletim que remete para o INE. Por sua vez, este Instituto, procede à agregação e tratamento da informação a nível do continente, bem como de informação administrativa que se encontre disponível à data, e integra-a no Boletim Mensal de Agricultura e Pescas ([INE](#)) que fornece uma visão geral do setor no Continente.

Antes da sua integração nas CCDRs, as Direções Regionais de Agricultura e Pescas foram responsáveis pela monitorização do ECPC durante mais de trinta anos. A coleta de dados era realizada em áreas designadas por "zonas de observação". Estas zonas eram originalmente definidas com base na homogeneidade edafoclimática e coincidiam administrativamente com as então Zonas Agrárias. No entanto, devido a várias reestruturações nos serviços descentralizados do Ministério da Agricultura, as zonas de observação perderam a sua correspondência administrativa. Embora tenha persistido alguma uniformidade no comportamento das culturas nos concelhos de cada zona de observação, o modelo de coleta de dados tornou-se desajustado em termos administrativos.



ZONAS HOMOGÉNEAS

Neste contexto e aproveitando a oportunidade proporcionada pelo Recenseamento Agrícola de 2019 (RA 2019), optou-se por realizar toda a coleta a nível de concelho. Esta mudança facilita a agregação geográfica da informação, nomeadamente por zona de observação (mapa), NUTS III e Sub-Região Agrária.

SIGLAS

CCDR-N	Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I. P.;
EDM	Região Agrária do Entre Douro e Minho;
INE	Instituto Nacional de Estatística;
IPMA	Instituto Português do Mar e da Atmosfera
TM	Região Agrária de Trás-os-Montes

ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

Divisão de Programas e Avaliação

Lugar de Codessais – Vila Real

5000-421 – VILA REAL, PORTUGAL

+ 351 27 826 09 00 ✉ agrodigital.sia@ccdr-n.pt

<https://agrodigital.ccdr-n.pt/sia/Informação-Agrária/Estado-das-Culturas>

Capa: Espécime de Azevinho (*Ilex aquifolium*), Moldes - Arouca

Foto por: Isabel Correia

FICHA TÉCNICA

Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Rural do Norte, I.P.

Unidade de Desenvolvimento Rural, Agroalimentar e Pescas

Divisão de Programas e Avaliação

Equipa Técnica

Anabela Coimbra

Aurora Alves

Isabel Correia

Jerónimo Côrte-Real Santos

Joaquim Moreira

Maria Laura Cruz

Miguel Martins

Paulo Guedes

Sandra Coelho

Suzana Antunes Fonseca

Coordenação

José Manuel Vieira

Resumo

Dezembro marcou a entrada oficial na estação fria com neve. Muita neve, sobretudo quando comparada com as ocorrências dos últimos anos.

Os primeiros dias do mês cobriram de branco toda a região Norte do território nacional e no dia 21 de dezembro – data em que se assinalou o solstício de inverno – a queda de neve atravessou toda a região, desde o Alto Minho até ao Nordeste Transmontano, descendo a cotas de 400-500 metros. Na última semana do mês voltou a cair, mas apenas nas cotas mais altas.

Foi um cenário de rara beleza, representando um Natal (quase) branco para as populações locais, embora difícil para quem trabalha a terra e para o gado em pastoreio extensivo. A colheita da azeitona tornou-se mais árdua e morosa, assim como a poda das videiras e das diversas fruteiras, devido às baixas temperaturas sentidas. Os animais tiveram de ser alimentados com rações e forragens, para compensar a dificuldade em encontrar alimento.

Num ano de graves incêndios como o que agora termina, a neve representa uma forma de incorporação lenta de água no solo, minimizando o efeito do arrastamento da terra e da lixiviação de nutrientes associada. A neve e a chuva que caiu ao longo do mês, permitiu a reposição dos lençóis freáticos e do nível de armazenamento dos aproveitamentos hidroagrícolas.

Dezembro também se fez de balanços e previsões – num ano particularmente difícil e trabalhoso, analisamos o que correu melhor e o que correu menos bem, com vista à definição e implementação de estratégias de melhoria para o futuro. E agradecemos. Agradecemos a todos aqueles que nos permitem continuar a concretizar este e outros projetos com o maior rigor possível, depositando em nós a confiança necessária para seguir em frente.

A Divisão de Programas e Avaliação, parte integrante da UDRAP da CCDR Norte, agradece a todos os colegas, produtores individuais, organizações de produtores e a todos os que de alguma forma nos apoiaram na prossecução destes objetivos. Sem vocês nada disto seria possível, nem faria sentido.

Que 2026 possa potenciar e amplificar o impacto do nosso trabalho, bem como a sua visibilidade, agregando meios, elementos e mais produtores à nossa equipa.

A Equipa agradece a todos e deseja um Próspero 2026!!

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	6
1.1	Entre Douro e Minho	6
1.1	Trás-os-Montes	9
2	<i>Fitossanidade</i>	17
2.1	Entre Douro e Minho	17
2.2	Trás-os-Montes	18
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	19
3.1	Entre Douro e Minho	19
3.2	Trás-os-Montes	20
4	<i>Batata Hortas familiares</i>	23
4.1	Trás-os-Montes	23
5	<i>Fruticultura</i>	24
5.1	Entre Douro e Minho	24
5.2	Trás-os-Montes	26
6	<i>Vinha</i>	27
6.1	Trás-os-Montes	27
7	<i>Olival</i>	28
7.1	Entre Douro e Minho	28
7.2	Trás-os-Montes	29
8	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	39
8.1	Entre Douro e Minho	39
8.2	Trás-os-Montes	41
9	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	47

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 Entre Douro e Minho



Figura 1. Aspeto vegetativo do azevém forrageiro em solo encharcado e área ainda por semear, Ganfei - Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves



Figuras 2 a 4. Terrenos alagados com forragens, no concelho de Vila Verde, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

Durante o mês de dezembro, o Entre Douro e Minho registou um padrão meteorológico marcado por precipitação frequente e persistente, alternando períodos de chuva contínua, aguaceiros e vento fraco a moderado.



Figura 5. Caudal do Rio Neiva- União de freguesias da Ribeira do Neiva em Vila Verde, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura



Figura 6. Rio das Pontes evidenciando um caudal abundante devido às chuvas ocorridas, Sande São Clemente - Guimarães, zona de observação do Ave
Foto por: Jerónimo Côrte-Real Santos

Em algumas zonas, como o Entre Douro e Vouga, registaram-se episódios de vento forte e precipitação intensa, associados às depressões “Davide” e “Bram”, com rajadas até 80 km/h. Nos dias 21 e 22, nas áreas de maior altitude, observou-se queda de neve. Em várias localidades verificaram-se descidas acentuadas de temperatura e formação de geadas, sobretudo em zonas abrigadas.

De referir que no dia 19, em algumas estações meteorológicas, a quantidade de precipitação acumulada já se aproximava dos valores da normal climatológica para a totalidade do mês.

Estas condições provocaram saturação e alagamento dos solos, com impactos significativos na realização das sementeiras de culturas temporárias e no desenvolvimento vegetativo das culturas forrageiras e das pastagens. Em terrenos próximos de rios e ribeiros, o encharcamento dificultou a entrada das máquinas, atrasando algumas sementeiras e podas nas culturas permanentes (vinha e kiwi).

Apesar destes constrangimentos, a precipitação contribuiu para a recarga dos aquíferos superficiais e subterrâneos.



Figura 7. Trabalhos de poda e limpeza na vinha, Verdoejo - Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 8. Consociação anual amarelecida, devido ao excesso de água no solo, Verdoejo - Valença, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 9. Horta familiar com couve-galega, no concelho de Terras de Bouro, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figuras 10 e 11. Venda de citrinos e outros produtos agrícolas na loja "Arouca Agrícola", zona de observação de Entre Douro e Vouga

Fotos por: Isabel Correia

1.1 Trás-os-Montes

No seguimento do que se passou no mês anterior, dezembro foi um mês marcado pelo frio e pela chuva intensa e abundante. Segundo o IPMA, este foi o 7º dezembro mais chuvoso desde 2020, com um total de precipitação superior ao normal.

Nos primeiros dias do mês (02 e 03) as temperaturas desceram bastante e os pontos mais altos do norte transmontano ficaram cobertos de neve, com as serras do Alvão, Marão, Padrela, Gerês, Montesinho e Larouco a vestirem-se de branco.

As temperaturas subiram um pouco a partir dessa data, atingiram os valores máximos no dia 06 (sem ultrapassar os 15-16°C) e a partir desse momento desceram gradualmente até ao final do mês, quando se registaram temperaturas particularmente baixas e nova queda de neve – desta feita muito mais intensa.

Nos dias 09 e 12 atingiram-se valores elevados de precipitação, levando a que os níveis de água no solo se situassem frequentemente próximo da capacidade de campo (nível máximo). Também a humidade relativa média diária se manteve elevada – 90 a 100%.

A Evapotranspiração de Referência (ET_0)¹ variou entre os 0,3 – 1,0mm no nordeste transmontano (distrito de Bragança) e os 0,2-0,8mm no distrito de Vila Real.

As baixas temperaturas foram responsáveis pela formação de geadas noturnas sempre que a chuva deu tréguas, pelo que as horas de frio contabilizadas neste momento (<7,2°C) são suficientes para garantir a quebra da dormência das principais fruteiras da região.

A tempestade “Emilia”, que atravessou o território nacional na segunda semana de dezembro também se fez sentir na região transmontana.



Figuras 12 e 13. Serra do Alvão pintada de branco, 03.12.2025

Créditos das imagens: Sara Alves *in* Meteo Trás-os-Montes – Portugal (página do Facebook)

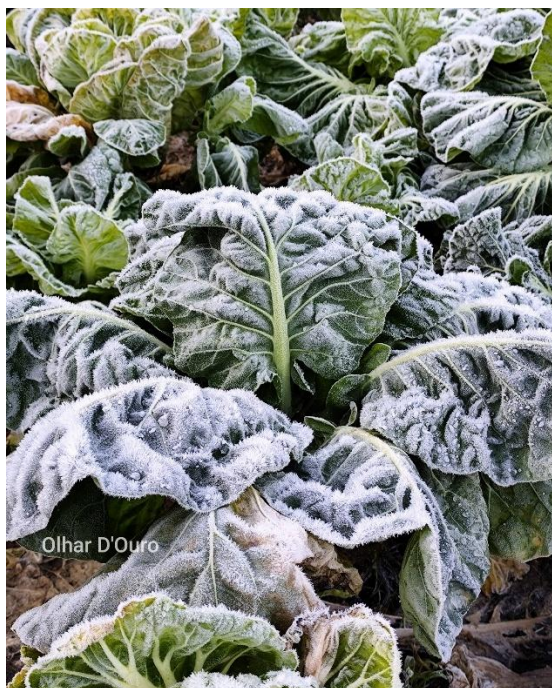
¹ Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.



Figuras 14 e 15. Parque Natural de Montesinho, 02.12.2025, Bragança

Créditos das imagens: Rodolfo Martins *in* Meteo Trás-os-Montes – Portugal (página do Facebook)

A assinalar a entrada oficial no inverno, voltou a registar-se nos dias 21 e 22 de dezembro queda de neve na região transmontana até cotas de 400-500 metros, que se repetiu nos últimos dias do mês, embora a cotas mais elevadas.



Figuras 16 e 17. Forte geada no concelho de Lamego (entre Penude e Bigorne), 27.12.2025

Créditos das imagens: Olhar D'Ouro (página do Facebook)

As condições de frio intenso resultaram em inúmeras ocorrências de geadas noturnas, em particular no final do mês (ver fotos 16 e 17).

Ao longo do mês o IPMA emitiu vários avisos, alertando para a ocorrência de geadas, precipitação e vento forte, fenómenos com impacto na cultura do olival, nos pequenos frutos, cereais praganosos, hortícolas e milho (ver figura 18).

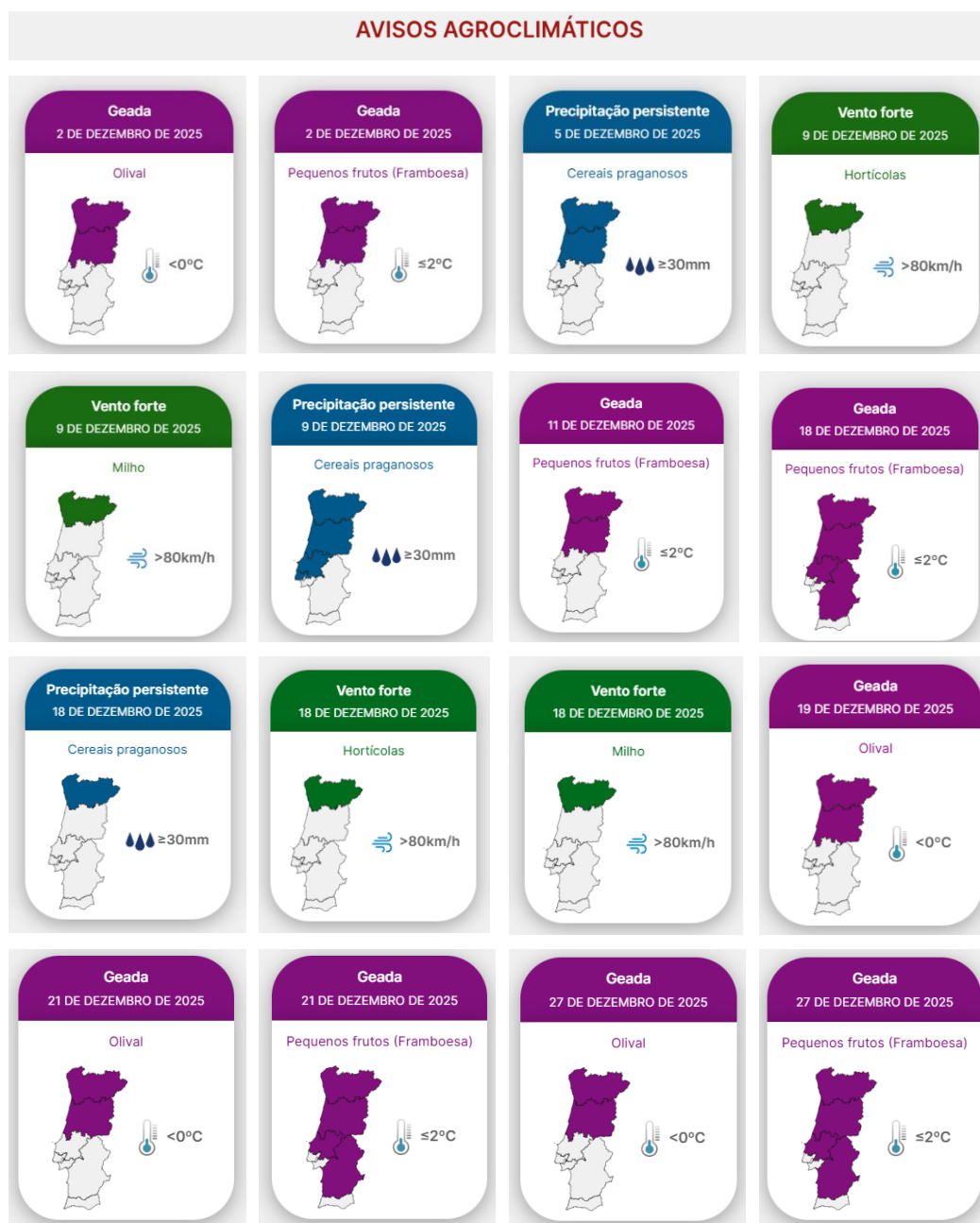


Figura 18. Avisos agroclimáticos emitidos pelo IPMA ao longo do mês de dezembro

Na Terra Fria a primeira quinzena do mês de dezembro foi quente, no que diz respeito à temperatura do ar, sendo que no dia 08 dezembro a temperatura máxima registada pelo IPMA na estação de Bragança foi de 16°C e a mínima foi de 11,5°C, situação anómala quer para a época do ano, quer para a área de observação - as temperaturas máxima e mínima ao longo do mês foram superiores à normal climatológica. Só a partir da segunda quinzena ocorreu a descida das temperaturas máxima e mínima, formando-se as primeiras geadas do ano agrícola. Relativamente à precipitação, esta ocorreu de forma constante e quase diariamente na primeira quinzena do mês por toda a área de observação, mas em quantidade inferior, quando comparado com a normal climatológica e com o ano anterior.

Por toda a Terra Fria é possível observar que os solos dispõem de humidade, sendo que nas zonas de baixa verifica-se encharcamento. As reservas hídricas da região estão a recuperar o nível de água e é possível observar em campo linhas de água temporárias e azeiras com água de escorrência.

Os recursos hídricos, tais como bacias hidrográficas, barragens, nascentes, poços, furos e charcas (fotos 19 e 20), recuperam os níveis de armazenamento de água e estão neste momento próximos do normal, à exceção da barragem de Gostei.



Figuras 19 e 20. Charca privada em dezembro de 2024 (esq.) e em dezembro de 2025 (dir.), Sta Comba de Rossas - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Na barragem de Prada a capacidade de armazenamento de água é de 100%, tal como em igual período do ano anterior.

Figura 21. Barragem de Prada, 17.12.2025, Prada – Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

Na barragem de Gostei continuam a decorrer as obras de limpeza e melhoria das infraestruturas e verifica-se que a quantidade de água armazenada é inferior, comparada quer com igual período do ano anterior, quer com o que seria normal para a época do ano e para o potencial da infraestrutura (ver fotos 22 e 23).

Esta infraestrutura tem problemas estruturais, que apesar de todos os esforços ainda não foram resolvidos, perdendo água de forma considerável.



Figura 22. Barragem de Gostei, 16.12.2024, Gostei – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 23. Barragem de Gostei, 17.12.2025, Gostei – Bragança

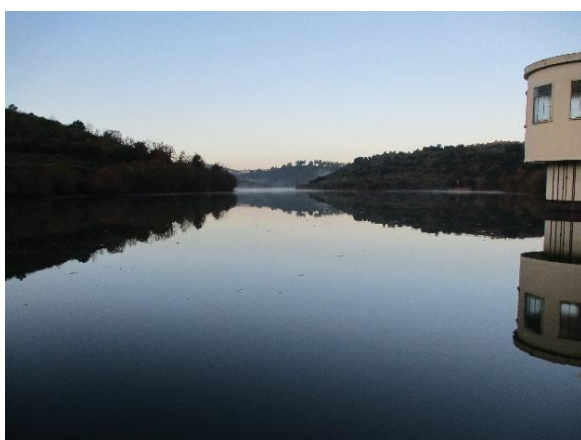
As principais culturas permanentes da Terra Fria – tais como os castanheiros e as nogueiras – terminaram o seu ciclo vegetativo. A operação de apanha da castanha, que ainda se verificou durante a primeira quinzena do mês, decorreu de forma normal, apesar das condições meteorológicas instáveis com dias muito chuvosos, que dificultaram e atrasaram o término da campanha.

Neste momento decorre a campanha de apanha da azeitona. As condições no início da campanha não foram ótimas, pois os dias chuvosos obrigaram os produtores a parar a colheita, no entanto, cerca de 70% do produto azeitona está recolhido.

Os cereais de Outono/Inverno e as culturas temporárias forrageiras estão a iniciar o seu ciclo vegetativo e apresentam-se em razoável estado, pese embora as condições meteorológicas até à data terem sido desfavoráveis – quer à sua instalação, quer à germinação e ao desenvolvimento vegetativo, que está muito atrasado, quando comparado com o ano anterior.

Também no Planalto Mirandês a instabilidade meteorológica definiu o início do inverno climatológico, com momentos de chuva e vento por vezes forte e persistente, fruto das frentes atlânticas muito ativas que incidiram na região (como a tempestade “Emilia”), alternados com dias secos e descidas das temperaturas.

As chuvas ocorridas de forma frequente desde o mês de novembro repuseram os caudais nas linhas de água, aumentaram um pouco os níveis nos reservatórios e encheram consideravelmente as barragens. Os solos já dispõem de humidade e já são visíveis escorrências e encharcamentos em muitas parcelas.



Figuras 24 e 25. Barragem de Penas Roias, a 90-95% da sua capacidade, 14.12.2025, Penas Roias – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 26 e 27. Barragem de Penas Roias, a cerca de 70% da sua capacidade, 11.11.2025, Penas Roias – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Também nas charcas privadas para rega é possível constatar a subida do nível de água, resultante dos períodos de chuva intensa dos últimos meses (fotos 28 e 29).



Figura 28. Charca impermeabilizada, a 50-55% da sua capacidade, 11.11.2025, Castelo Branco – Mogadouro



Figura 29. Charca impermeabilizada, a cerca de 60% da sua capacidade, 15.12.2025, Castelo Branco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Quente, as barragens de Vale Madeiro (Mirandela) e Santa Justa (Alfândega da Fé) apresentam níveis de armazenamento claramente superiores aos do período homólogo do ano anterior (ver fotos 30 a 33).



Figura 30. Barragem de Vale Madeiro, dezembro 2024, Mirandela



Figura 31. Barragem de Vale Madeiro, dezembro 2025, Mirandela



Figura 32. Barragem de Santa Justa, dezembro 2024, Alfândega da Fé



Figura 33. Barragem de Santa Justa, dezembro 2025, Alfândega da Fé

Fotos por: Paulo Guedes

2 Fitossanidade

2.1 Entre Douro e Minho

As condições são muito favoráveis ao desenvolvimento de um conjunto de Doenças do Lenho da videira e da Bacteriose da actínídea (PSA-*Pseudomonas syringae* pv.), obrigando os produtores a cuidados adicionais na fase da poda, além das habituais medidas profiláticas.

A persistência de dias chuvosos com humidade relativa elevada poderia ter favorecido o desenvolvimento do Míldio dos Citrinos "*Phytophthora spp*", mas as temperaturas baixas limitaram os ataques deste fungo.

Durante este período de inverno, realizam-se os normais tratamentos à base de cobre nos pomares de kiwi, pomóideas e citrinos.

Em dezembro não foi emitida pela Estação de Avisos do Entre Douro e Minho qualquer Circular para a região.

2.2 Trás-os-Montes

As principais culturas da região transmontana estão neste momento em repouso vegetativo/dormência, para completarem as horas de frio² necessárias para a próxima floração/frutificação. No caso das fruteiras é importante que ocorra um total considerável de horas de frio, valor acumulado desde o mês de outubro até fevereiro, para que as plantas quebrem a dormência e frutifiquem novamente.

O frio é um indutor de resistência nas plantas. Quando em excesso e em número de dias prolongados com formação de gelo afeta a fitossanidade das plantas, tornando-as mais vulneráveis a doenças e pragas.

O excesso de geada branca congela os tecidos exteriores das plantas, provocando-lhes queimaduras exteriores. A geada negra queima a planta de dentro para fora, destruindo as células do interior das plantas. Nesta fase é importante a colocação de cobre para proteger as plantas, desinfetá-las e promover a cicatrização saudável dos cortes resultantes das podas de formação/manutenção e ramos partidos após a colheita dos frutos.

O rigor do inverno é um inibidor natural de algumas pragas e doenças, porque muitos agentes patógenos não sobrevivem ou têm o seu ciclo de vida interrompido pelo frio, como é o caso de alguns insetos.

Relativamente à azeitona que está neste momento a ser transformada, e segundo declarações dos técnicos das unidades de transformação da Terra Fria, no geral o fruto apresenta bom estado fitossanitário e estamos perante mais uma campanha em que se irá produzir azeite de excelência.

À semelhança do que se passou no EDM, durante este mês as Estações de Avisos da região de Trás-os-Montes também não emitiram qualquer Circular.

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

² Horas de frio: Número horas com temperatura do ar menor 7.2°C (in IPMA)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 *Entre Douro e Minho*

As sementeiras dos cereais praganosos têm decorrido de forma espaçada e em função das condições meteorológicas.

Nas zonas de observação com maior precipitação e encharcamento, como Ribadouro, Minho e Entre Douro e Vouga, algumas áreas ainda não foram semeadas, havendo a expectativa de que tal aconteça em janeiro ou fevereiro. Em muitas zonas, estas culturas destinam-se ao autoconsumo e em consociações com azevém, para produção de palha para alimentação animal. A área semeada é residual em várias zonas, refletindo a baixa rentabilidade económica destas culturas. O desenvolvimento vegetativo das áreas já semeadas é regular a bom, condicionado pela humidade do solo e temperatura amena.

Prevê-se que a área semeada de aveia, de centeio e de trigo seja igual à verificada no ano transato.



Figura 34. Terreno preparado para a sementeira da aveia, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Apesar disso, na zona de observação do Minho mantemos a previsão de uma diminuição da área semeada de aveia, justificada pela diminuição da procura de semente junto dos produtores. No caso do centeio, as sementeiras vão decorrendo à medida que as condições meteorológicas o permitem.

3.2 Trás-os-Montes

Por toda a área de observação da Terra Fria e do Planalto Mirandês as sementeiras decorreram com alguns percalços – o tempo chuvoso e o solo muito molhado atrasou a instalação e a germinação das plantas. Os cereais de outono inverno apresentam um razoável desenvolvimento vegetativo e neste momento encontram-se na fase de afilamento e desenvolvimento radicular. Segundo declarações dos produtores, e também pelo que se observa em campo, a germinação foi má, com o desenvolvimento das plantas muito atrasado, quando comparado com igual período dos dois últimos anos (fotos 35 a 37), especialmente no centeio e na aveia, sendo estes os primeiros cereais a serem semeados na Terra Fria.



Figuras 35 a 37. Cereais de out/inv (centeio), na mesma área de observação, em anos diferentes – dezembro 2023 (esq.), dezembro 2024 (centro) e dezembro 2025 (dir.), Deilão – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 38. Início da germinação do centeio, Prada - Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

Pelo que se observa, e segundo o que é declarado pelos comerciantes locais que vendem sementes, a procura pelas sementes de centeio, trigo e aveia foi baixa, tudo indicando que a área semeada com centeio, triticale e aveia seja semelhante à do ano anterior. No caso da aveia, a cultura será realizada maioritariamente para aproveitamento forrageiro.

No Planalto Mirandês também encontramos os cereais de out/inv em bom estado vegetativo, sem aparentes quebras de produção e sem amarelecimentos, apesar do atraso de desenvolvimento em relação ao período homólogo de 2024.



Figuras 39 a 41. Mesma parcela de aveia aquando da mobilização/sementeira, 11.11.2025 (cima esq.) e após a germinação, 15.12.2025 (cima dir. e baixo esq.)

Fotos por: Miguel Martins

Também aqui as áreas semeadas serão semelhantes às do ano anterior; com algumas das germinações observadas ainda num estado prematuro. A grande quantidade de água nos solos e a formação de geadas, típicas nesta altura, poderão tornar ainda mais lento o processo de desenvolvimento destas culturas.



Figuras 42 e 43. Parcela semeada com trigo e pormenor das plantas germinadas, onde é visível o solo praticamente saturado de água, Vila D'Ala – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



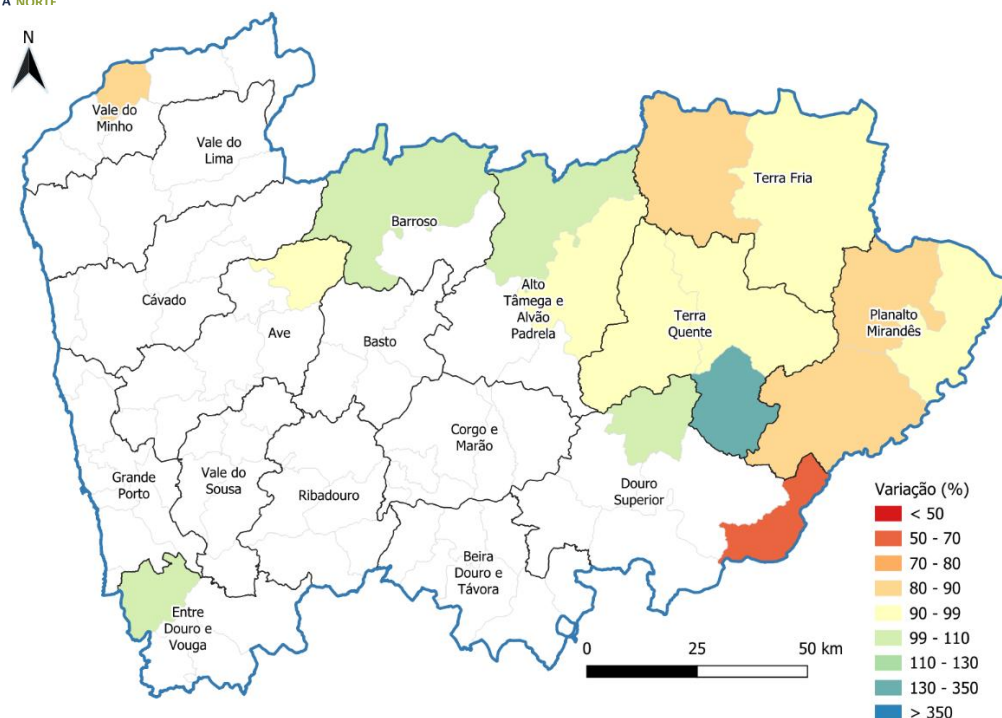
Figuras 44 e 45. Terreno com tritcale e seu aspeto, gozando de bom estado e desenvolvimento vegetativo, 16.12.2025, Tó – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 46 e 47. Parcela semeada com aveia e pormenor da mesma, onde também é visível a quantidade de água que o solo contém, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Mapa 1. Evolução da área semeada de aveia grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2021-2025

4 Hortas familiares

4.1 Trás-os-Montes

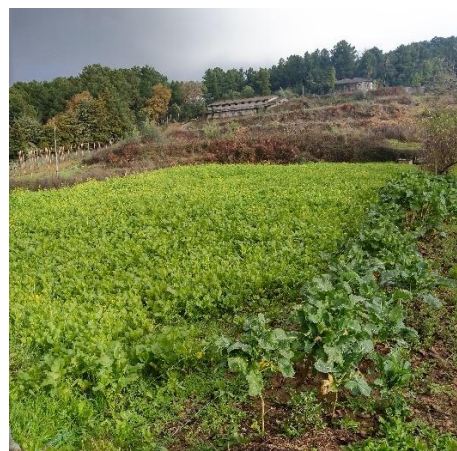
Tal como no mês de novembro, em dezembro foi possível encontrar a maioria das hortas familiares da região transmontana a produzir couves pencas, grelos e nabiças, entretanto colhidas e servidas nas tradicionais mesas da Consoada.



Figuras 48 e 49. Horta a providenciar hortaliça desde maio/junho – neste caso as couves de inverno (pencas/tronchas ou portuguesas), presentes à mesa de muitos portugueses por esta altura do ano, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Nesta época do ano, e apesar de pouco frequentes, também é possível encontrar algumas “curiosidades” nas hortas da região (ver fotos 52 e 53).



Figuras 50 e 51. Parcela com couves e nabijas, 22.12.2025, Vila Real

Fotos por: Suzana Fonseca



Figuras 52 e 53. Horta com fisális (esq.) e pimentos-campainha (ou chapéu de bispo), 07.12.2025, Mateus - Vila Real

Fotos por: Suzana Fonseca

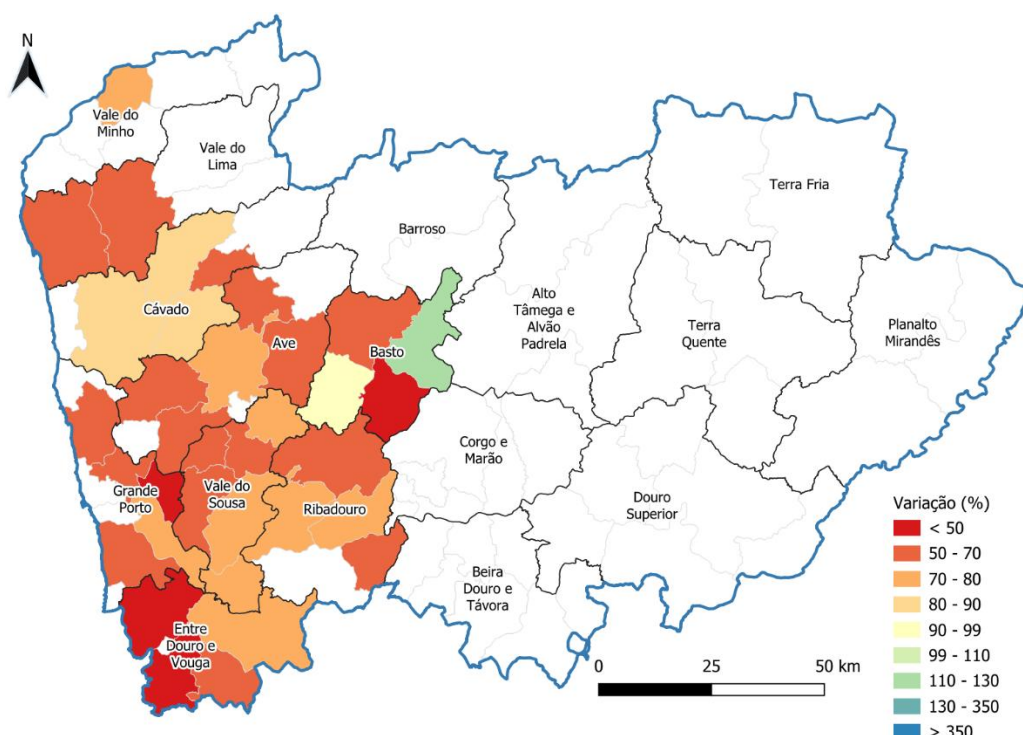
5 Fruticultura

5.1 *Entre Douro e Minho*

Actinídeas (kiwi)

A colheita do kiwi está concluída em todas as zonas de observação do EDM.

Apesar da heterogeneidade nos calibres, a produção é superior em relação ao ano anterior (+15%). Contudo, em concelhos como Santa Maria da Feira e Vila Nova de Gaia, ocorreram perdas devido a granizo, PSA ou más práticas culturais. A qualidade dos frutos é boa, com forma regular e bom teor em sólidos solúveis (grau Brix). Na zona de observação do Entre Douro e Vouga, o maior entreposto local (KiwiGreenSun) registou um aumento de 75% na quantidade armazenada, refletindo o acréscimo de produção regional relativamente ao ano anterior mas, ainda assim, inferior à média do quinquénio.



Mapa 2. Evolução da produção do kiwi por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Citrinos

Tal como foi referido em relatórios anteriores, a laranja produzida no EDM destina-se essencialmente ao autoconsumo e situa-se em pequenas parcelas, com áreas residuais em todos os concelhos.

Este ano a floração foi abundante com bom vingamento. Os calibres são ligeiramente inferiores aos do ano anterior, mas a qualidade é boa, especialmente nos limoeiros e tangerinas.

Ao contrário do ano anterior, este ano a Mosca do Mediterrâneo tem feito poucos estragos na laranja, mas os produtores mantêm tratamentos preventivos contra o Míldio e outras doenças.

A produção é considerada normal a ligeiramente superior ao ano anterior, com escoamento garantido localmente, em mercados institucionais e lojas de produtores associados.



Figura 54. Laranjeira no concelho de Vila Verde,
 zona de observação do Cávado
 Foto por: Maria Laura

5.2 *Trás-os-Montes*

Castanheiros

Em dezembro deu-se por concluída a comercialização de castanha no Douro Sul para consumo em fresco. As últimas vendas tiveram como principal destino algumas unidades de transformação, para farinha, congelados e compotas, entre outros.

Neste momento é possível encontrar os soutos em pleno repouso vegetativo. Face à generalidade dos soutos afetados pelos incêndios de agosto de 2025, os agricultores mantêm-se expectantes sobre a capacidade de abrolhamento das árvores quando a primavera começar a dar os seus primeiros passos.

Pomóideas, Prunóideas

Durante o mês de dezembro os produtores de maçã, pêra e cereja do Douro Sul deram início/continuidade aos trabalhos de poda das fruteiras, preparando-as para a produção da próxima campanha.

Paralelamente decorre a comercialização da maçã à Saída de Estação, a partir das inúmeras unidades de frio existentes. Este ano os preços seguem uma tendência de subida, ainda que ligeira, imprescindível para a manutenção da atividade na região.

Apesar de boa parte da maçã ter sido encaminhada para a indústria (devido a problemas sanitários ocorridos na produção), a maçã conservada no frio apresenta boa qualidade.

6 Vinha

6.1 Trás-os-Montes

À semelhança da maioria das culturas permanentes, a vinha também se encontra em repouso vegetativo, preparando-se para uma nova campanha.

Por todo o lado encontramos produtores a realizar as podas de inverno, removendo as varas da campanha que, entretanto, terminou.



Figuras 55 e 56. Vinhas já podadas, 22.12.2025, Mateus - Vila Real
Fotos por: Suzana Fonseca

7 Olival

7.1 Entre Douro e Minho

Na zona de observação de Ribadouro e Sousa a produção foi superior à última campanha, com início precoce da colheita para evitar queda de frutos, garantindo a boa qualidade de azeite. A laboração nos lagares terminou próximo do Natal, com algumas unidades a processar ainda azeitona de outras regiões. O rendimento estabilizou nos valores habitualmente baixos (10–11,5%).

Na zona de observação do Minho e do Cávado a colheita já terminou, com boa produção e de boa qualidade, aguardando-se os dados finais para aferir a produção total final. Na zona de observação do Cávado, os lagares continuam a laborar a azeitona proveniente de outras regiões para assim poder complementar a produção local e rentabilizar a atividade do lagar.



Figura 57. Lagar de azeite de Cossourado (azeitona/azeite) a finalizar a campanha 2024/2025, concelho de Barcelos, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

Na zona de observação do Ave a informação é que, apesar de haver mais azeitona, o rendimento em azeite é inferior quando comparado com o ano anterior.

Na zona de produção do Entre Douro e Vouga os produtores com maior área utilizaram meios mecânicos para a colheita, com resultados satisfatórios. No entanto, a precipitação contínua dificultou a gestão das colheitas em algumas localidades, especialmente para os agricultores mais idosos.

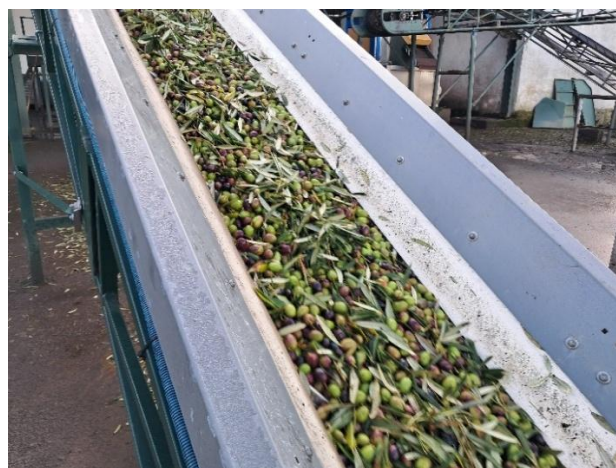
A previsão aponta para um aumento da produção de azeitona para azeite (+2,63 vezes), em relação ao ano passado.

7.2 Trás-os-Montes

Concluída a apanha de azeitona para conserva, deu-se seguimento à colheita da azeitona para azeite por toda a região transmontana.

Este ano, devido à elevada precipitação ocorrida, os produtores tiveram necessidade de interromper frequentemente a colheita, atrasando a conclusão do processo.

Não obstante, a campanha está a decorrer dentro da normalidade, sem que se tenham verificado constrangimentos de maior. No início do mês a precipitação constante dificultou a operacionalização das máquinas e a apanha e o pico das entregas nas unidades de transformação decorreu durante a segunda quinzena de dezembro.



Figuras 58 e 59. Aspeto da azeitona em tegão de descarga e no tapete, numa unidade de transformação da Terra Fria, Izeda – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Na Terra Fria os responsáveis das unidades de transformação declaram que este ano estão a laborar menos 30% de azeitona, comparativamente à última campanha, pelo que estamos perante um ano com menor produtividade e menor produção total.

O rendimento médio da campanha para a região, na maior unidade de transformação, assume um valor médio de 18%, valor semelhante ao da campanha anterior, e a acidez ronda o valor médio de 0,3°.

Segundo os mesmos responsáveis estamos perante um ano de excelente azeite, dado que a azeitona se apresenta em bom estado fitossanitário, isenta de doenças, originando assim azeites de boa qualidade e com propriedades organoléticas de excelência.



Figura 60. Aspeto do olival tradicional em regime de sequeiro, Babe – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 61. Pormenor da azeitona

Os lagares de Rebordelo, Bragança e Sanceriz são unidades de transformação de pequena dimensão e mais tradicional, que iniciaram a laboração em dezembro, transformando pequenas quantidades de azeitona dos produtores agrícolas locais, para obtenção de azeite para consumo próprio.

Nessas unidades não é possível obter informação tão assertiva, mas, no entanto, a informação qualitativa prestada pelos seus representantes foi unânime - todos declararam que estamos perante uma campanha que decorre sem percalços, com menos 35% de azeitona laborada até à data, mas com uma qualidade superlativa nos azeites produzidos.



Figuras 62 e 63. Aspeto das amostras e da azeitona para parametrização na unidade de transformação, Izeda - Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra

Quando comparada com a campanha do ano anterior, prevê-se que no final esta se revele menos produtiva, mas com rendimentos médios iguais aos de 2024 e com uma qualidade superior.

Todas as unidades preveem terminar a campanha no final deste mês.

Também no Planalto Mirandês a colheita está prestes a terminar, com a chuva a comprometer um pouco a manobrabilidade das máquinas para apanha mecânica. As árvores de maneira geral estão saudáveis e algumas ainda com frutos, havendo diferenças de produtividade entre locais, variedades, geografia, clima e regimes de regadio *vs.* sequeiro. Não se verificaram casos relevantes de Mosca-da-Azeitona, no entanto a produção - de acordo com o observado e relatado - tende a ser mais baixa do que o ano passado, caindo na ordem dos 10 a 20%. De recordar que o ano passado foi considerado como bom a muito bom em termos de quantidade e de qualidade de azeite.



Figura 64. Parcela de olival em Picote, Miranda do Douro (um dos últimos a ser colhido)

Foto por: Miguel Martins



Figura 65. Pormenor da azeitona, na parcela de olival da foto anterior, Picote, Miranda do Douro

 Foto por: Miguel Martins



Figura 66. Quando atinge a maturação, é comum a azeitona ficar enrugada em zonas de maior altitude – como é visível na foto – pois perde a humidade (por ação das baixas temperaturas), retendo apenas os óleos na polpa, que poderão dar origem a azeites com a aromas a madeira na análise sensorial.

 Foto por: Miguel Martins

Os rendimentos médios de azeite no Planalto Mirandês foram de 14%. De acordo com o relatado, ocorreu uma quebra na produção na ordem dos 20%, quando comparados os números de dezembro de 2025 e janeiro de 2025 – fim da campanha anterior.

No Douro Sul, concluída a colheita de azeitona de conserva, confirmam-se as previsões de quebra de produção na ordem dos 40-50%³. Estas quebras devem-se essencialmente aos baixos calibres alcançados pelo fruto (em resultado de um verão muito quente e seco, sem qualquer precipitação), que implicaram o seu encaminhamento para os lagares de azeite.

A colheita de azeitona para azeite ainda decorre, só se prevendo que termine no mês de janeiro.

A produção de fruto e o seu rendimento em azeite é bastante heterogéneo – em termos geográficos e varietais – com algumas zonas a registar produções e rendimentos mais baixos do que no ano anterior e outras a prever a manutenção da produção.

Neste momento, os números apontam para quebras de produção na ordem dos 40% nos concelhos do Douro Superior, com o rendimento a situar-se próximo dos 10%.

Mais uma vez teremos de aguardar pelo próximo mês para avançar com números mais realísticos.

Na Terra Quente também decorre a campanha de apanha da azeitona e sua transformação em azeite e outros subprodutos. Esta campanha iniciou-se ainda durante o mês de outubro e deverá terminar no final de dezembro/início de janeiro.

Manter a azeitona na árvore após atingir a plena maturação não acrescenta valor ao azeite. Pelo contrário, favorece a degradação lipídica e a formação de compostos indesejáveis, prejudicando tanto a qualidade química como a pureza sensorial do produto final.

Além disso, a colheita tardia não aumenta o rendimento em gordura, uma vez que o processo de lipogénese — transformação dos açúcares em azeite — já se encontra concluído, ocorrendo, em regra, entre o final de setembro e o final de outubro, dependendo

³ No caso da Azeitona de Mesa, com forte expressão no município de Freixo de Espada à Cinta, uma acentuada diminuição da produção poderá não estar associada diretamente a uma fraca produtividade, mas, sobretudo, uma depreciação do preço da azeitona de conserva que, nessas circunstâncias, é desviada para a produção de azeite. Sendo a Negrinha de Freixo a variedade da azeitona de mesa, a sua dupla aptidão produz igualmente azeites de elevada qualidade.

da região, do clima e da variedade. A partir desse momento, o fruto deixa de produzir azeite, começa a perder peso por desidratação e torna-se mais suscetível à oxidação.

As geadas, frequentes no outono transmontano, aceleram este processo, provocando a rutura das membranas celulares, a rápida perda de água e a consequente murchidão da azeitona. Uma vez danificada, a polpa entra em processos de oxidação descontrolada, originando aromas e sabores secos, lenhosos e pouco expressivos, que comprometem a vivacidade e a identidade sensorial de um azeite de excelência.

À medida que a azeitona ultrapassa o seu pico fisiológico, intensifica-se a atividade enzimática associada à oxidação e à hidrólise dos triglicéridos, o que conduz ao aumento da acidez, à perda de compostos voláteis frescos e ao aparecimento de defeitos organoléticos. Entre os mais relevantes destaca-se o defeito conhecido como “madeira”, geralmente associado a frutos excessivamente maduros, desidratados ou afetados por geadas.

Assim, a colheita deve ser realizada no momento ideal, preferencialmente quando a azeitona inicia a mudança de cor, de forma a preservar a frescura aromática, a estabilidade química e a identidade sensorial do azeite, garantindo a máxima qualidade do produto obtido.



Figura 67. Laboração do azeite, em
 lagar da Terra Quente
 Foto por: Paulo Guedes



Figuras 68 a 71. Apanha mecânica na Terra Quente e algumas das consequências negativas do processo – árvores partidas e aumento do desperdício (boa parte da azeitona cai ao chão e não é apanhada)

Fotos por: Paulo Guedes

Apesar das consequências, este processo de apanha mecanizada é aquele que se revela mais eficaz na região de Trás-os-Montes, principalmente para colmatar a falta de mão de obra existente.

Mas ainda não é o sistema perfeito, pois existe muita perda de azeitona que fica preso nas árvores, para além de danificar as plantas.

Este processo não é tão eficiente quando se trata de colher a azeitona da variedade “Verdeal”, por se tratar de uma azeitona que amadurece mais tarde que as outras e, consequentemente, o seu desprendimento também acontece mais tarde. Torna-se por isso necessário complementar com a vareja manual (ver foto 72).

A colheita é realizada numa fase em que as azeitonas ainda não se encontram maduras, devido ao facto de os lagares encerrarem no mês de dezembro. Daí resulta uma baixa eficácia na colheita desta variedade.



Figura 72. Colheita mecânica,
 complementada com vareja manual
 Foto por: Paulo Guedes

Os lagares encerram porque já têm as cubas cheias de azeite, a força da apanha já esta concluída e também porque não lhes compensa continuar a laborar (mantendo as despesas) para receber pequenas quantidades diárias de azeitona para transformação.

Logo, os produtores detentores desta variedade são obrigados a efetuar a apanha mais cedo, sob pena de não encontrarem lagares para transformar a azeitona.



Figuras 73 e 74. Descarga para o reboque da azeitona colhida mecanicamente, com triagem inicial das folhas e ramos

Fotos por: Paulo Guedes



Figura 75. Oliveiras da variedade "Verdeal", em bom estado fitossanitário (à direita na foto)

Foto por: Paulo Guedes

Ao contrário das campanhas anteriores, a atual ficou marcada pela desvalorização do preço da azeitona, o que resultou numa colheita mais reduzida e menos eficiente. A azeitona em olivais com fraca produção não foi colhida por não compensar os custos. A apanha foi penalizada não só pelo baixo valor pago pela azeitona, mas também pela escassa quantidade de fruto disponível, conduzindo a quebras expressivas na produção total colhida.

As principais reduções de produção deveram-se às temperaturas elevadas registadas durante a floração, nos meses de maio e junho, que dificultaram o vingamento das flores. Apesar da oliveira ser uma cultura rústica, maioritariamente de sequeiro e bem adaptada ao meio, estas condições extremas, aliadas à escassez de precipitação, comprometeram seriamente a produção.

O verão extremamente quente e seco agravou o stress hídrico das plantas, sobretudo num contexto em que cerca de 95% dos olivais da região são conduzidos em regime de sequeiro.

Embora os rendimentos tenham sido ligeiramente superiores aos do ano anterior, não foram suficientes para compensar a fraca produção de azeitona. Paralelamente, esta quebra não se traduziu numa valorização dos preços do azeite, uma vez que os elevados stocks existentes e provenientes da campanha anterior condicionaram o mercado, levando a uma diminuição da procura e à consequente descida das cotações.

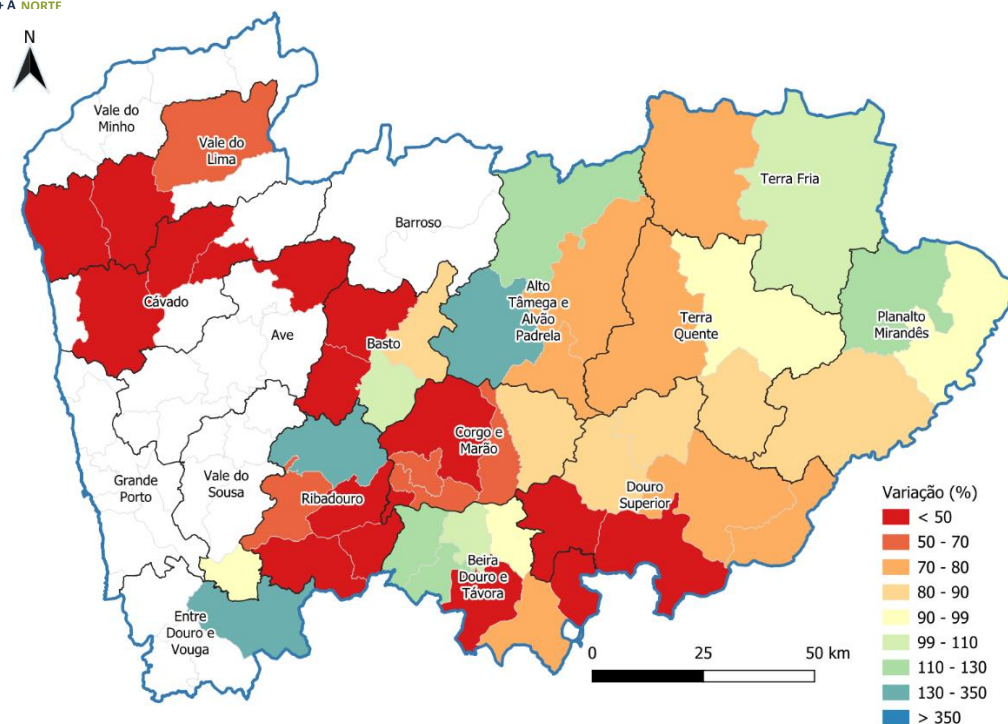
Perante este cenário, muitos agricultores enfrentam dificuldades significativas e defendem que a adaptação às novas condições climáticas, nomeadamente através do investimento em sistemas de regadio, será fundamental para garantir a sustentabilidade e a viabilidade do setor nos próximos anos.

Após um par de anos de euforia, a desmotivação dos produtores é grande, o aumento dos fatores de produção e custos da apanha, assim como as maquinas aplicadas pelos lagares para efetuar a transformação são inimportáveis. O preço da azeitona não tem acompanhado esta tendência de aumento, bem pelo contrário, o que leva no futuro ao desinteresse e consequente abandono de alguns olivais.

O acompanhamento dos [mercados de produção](#) por parte da nossa equipa tem sido útil para justificar a maior ou menor tendência para o abandono dos olivais, o que tem cada vez mais uma maior influência na produção, a par do estado do tempo e da fitossanidade.

De facto, merece das elevadas cotações do azeite no mercado mundial, no ano agrícola de 2022/2023, a azeitona para azeite foi paga ao preço mais frequente de 0,8 €/kg. No ano passado, desceu significativamente, para 0,6 €/kg e na presente campanha não vai além de 0,55 €/kg.

Um nosso estudo recente, que será publicado na [análise de campanha](#) da azeitona para azeite da presente campanha, revela que o olivicultor que queira produzir azeite dos seus olivais e que não tenha lagar próprio, terá de vender o garrafão de 5 litros no mínimo a 30€, o que lhe permitirá rendimentos líquidos de 5,13€ a 7,51€ por garrafão. Abaixo destes preços é preferível vender a azeitona ao preço médio que ocorreu esta campanha, ou seja, 0,55€/kg.



Mapa 3. Evolução da produção da azeitona para azeite por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

8 Prados, pastagens e culturas forrageiras

8.1 Entre Douro e Minho



Figura 76. Prados e pastagens temporárias no concelho de Vila Verde, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

As condições de precipitação intensa e solos encharcados atrasaram ou impediram algumas sementeiras das culturas forrageiras e pratenses.



Figura 77. Azevém semeado em diferentes datas, em diferentes estádios de desenvolvimento; ao fundo vemos campos ainda sem emergência, Arouca, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia



Figura 78. Emergência de consociação de azevém e aveia, semeada a 04 de dezembro, Arouca, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia



Figura 79. Colheita do milho forrageiro por concluir, Mozelos – Paredes de Coura, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Nas áreas já semeadas, como as de azevém e consociações com aveia, o desenvolvimento vegetativo é bom, assegurando a alimentação dos animais. A disponibilidade de matéria verde para alimentação animal mantém-se similar ao ano anterior, assegurando o consumo normal de fenos, silagens e rações industriais. Em zonas de maior altitude e nos baldios o alimento disponível é abundante, permitindo o pastoreio das diferentes espécies.

8.2 Trás-os-Montes

Um pouco por toda a Terra Fria, as pastagens permanentes (lameiros) oferecem condições ótimas para a prática do pastoreio, pois os solos dispõem de humidade favorecendo o desenvolvimento vegetativo das herbáceas. Excetua-se as pastagens permanentes localizadas em zonas de aluvião, que estão encharcadas e não oferecem condições ao pastoreio – os animais com o pisoteio destroem a superfície de solo e atascam. É frequente nos dias mais amenos e soalheiros, observar os diferentes efetivos pecuários em pastoreio (ver foto 80). Os produtores pecuários declaram que já recorrem aos alimentos grosseiros armazenados durante a primavera/verão, nomeadamente nos dias mais frios em que há formação de geada ou quando ocorre forte precipitação e vento muito frio.

As rações, alimentos concentrados, funcionam apenas como um complemento à engorda dos animais que vão para abate/consumo humano ou dos jovens animais, para favorecer o crescimento.



Figura 80. Ovinos em pastoreio num pousio agronómico, Deilão – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 81. Bovinos mirandeses a caminho do pasto, Deilão – Bragança



Figura 82. Aspeto de uma pastagem pobre de sequeiro em 2024, Gimonde – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 83. Aspeto de uma pastagem pobre de sequeiro em 2025, Gimonde – Bragança

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES

As culturas forrageiras, quer as aveias quer as misturas de diferentes plantas forrageiras, estão em razoável estado vegetativo. Quando comparadas com igual período do ano anterior, o porte das plantas é menor e a sua densidade é inferior, o que nos indica que estão atrasadas no seu desenvolvimento (ver fotos 86 e 87) e em pior estado que em igual período do ano anterior.

As condições meteorológicas foram desfavoráveis à sua instalação e atrasaram a germinação das diferentes plantas que as constituem.



Figura 84. Pastagem permanente de sequeiro, dezembro 2024, Gimonde – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 85. Pastagem permanente de sequeiro, dezembro 2025, Gimonde – Bragança
Mesma parcela

A aveia é a cultura em que se nota a maior diferença, uma vez que é esta a primeira cultura a ser semeada, para ser a primeira a ser colhida para enfardar com grão.



Figura 86. Cultura forrageira mistura de triticale com leguminosas, dezembro 2024, Gostei – Bragança
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 87. Cultura forrageira mistura de triticale com leguminosas, dezembro 2025, Gostei – Bragança
Mesma parcela



Figura 88. Aveia forrageira, dezembro 2024, Vila Meã - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 89. Aveia forrageira, dezembro 2025, Vila Meã - Bragança



Figura 90. Nabo forrageiro em fim de ciclo cultural, Vila Meã - Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

As parcelas com nabo forrageiro estão neste momento a ser colhidas e fornecidas aos efetivos pecuários. As plantas apresentam um bom desenvolvimento radicular, o que se traduz em nabos de maior porte e mais tenros.

No Planalto Mirandês, os lameiros também apresentam matéria vegetal em quantidades razoáveis para a realização da pastorícia. A vegetação herbácea apresenta-se em estado vegetativo relativamente bom, embora não tão bom como no mesmo período de 2024.

Se conveniente para a reposição dos níveis dos lençóis freáticos, a precipitação ocorrida já se traduz em excesso para alguns dos diferentes tipos de pastagem - na mesma altura do ano passado os pastos estariam mais verdejantes e a erva mais alta.

Caso as próximas semanas continuem chuvosas, os produtores pecuários em determinados locais alegam poder ter de recorrer a forragens armazenadas e a rações para alimentar os seus animais. As parcelas de aveia forrageira aparentam estar um pouco atrasadas quando comparadas com o mesmo período do ano anterior, fruto das chuvas ocorridas durante as sementeiras e da abundância de água nos solos, alternada com dias frios nos quais poderá ocorrer formação de geadas, passíveis de abrandar o ciclo vegetativo destas culturas.



Figura 91. Lameiro, 09.12.2024, Brunhosinho – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 92. Lameiro, onde é visível a mobilização superficial do solo, mas sem o desenvolvimento desejado das plantas, 16.12.2025, Brunhosinho – Mogadouro
Mesma parcela



Figura 93. Parcela de lameiro, 09.12.2024, Brunhosinho – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 94. Parcela de lameiro, 19.12.2025, Brunhosinho – Mogadouro
Mesma parcela



Figura 95. Pastagem permanente, 13.12.2024, Penas Roias – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 96. Pastagem permanente, 17.12.2025, Penas Roias – Mogadouro

Mesma parcela

9 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Ano Agrícola 2024/2025

Tabela 1. Evolução da produção do kiwi, comparativamente ao ano anterior

Localização	Kiwi	
	%	†
Entre Douro e Minho	115	26 243
Ave	118	3 308
Basto	104	977
Cávado	110	5 029
Entre Douro e Vouga	106	1 135
Grande Porto	134	4 145
Ribadouro	110	1 865
Vale do Lima	112	671
Vale do Minho	151	1 166
Vale do Sousa	110	7 948
Trás-os-Montes	95	45
A. Tâmega e Alvão P.	100	5
Beira Douro e Távora	92	11
Corgo e Marão	100	14
Douro Superior	90	7
Terra Quente	90	8
Região Norte	115	26 288

Tabela 2. Evolução da produção de azeitona de mesa e azeitona para azeite, comparativamente ao ano anterior

Localização	Azeitona de mesa		Azeitona para azeite	
	%	†	%	†
Entre Douro e Minho			263	560
Ave			96	8
Basto			162	57
Cávado			392	32
Entre Douro e Vouga			1 048	75
Grande Porto			298	0
Ribadouro			308	196
Vale do Lima			196	153
Vale do Minho			205	12
Vale do Sousa			404	28
Trás-os-Montes	64	2 937	71	76 491
A. Tâmega e Alvão P.	65	1	66	8 822
Barroso	0	0	100	1
Beira Douro e Távora	90	0	95	4 733
Corgo e Marão	80	0	93	3 938
Douro Superior	60	2 485	69	12 858
Planalto Mirandês	90	430	90	8 623
Terra Fria	95	7	85	4 332
Terra Quente	71	14	65	33 185
Região Norte	64	2 937	72	77 052

Ano Agrícola 2025/2026

Tabela 3. Evolução da área semeada de cereais praganos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Aveia		Centeio		Cevada		Trigo		Triticale	
	%	ha	%	ha	%	ha	%	ha	%	ha
Entre Douro e Minho	99	134	100	154			100	12		
Ave	100	34	100	29			0	0		
Basto	100	16	100	28			100	4		
Cávado	100	23	100	28			0	0		
Entre Douro e Vouga	100	18	100	2			0	0		
Grande Porto	100	12	100	1			0	0		
Ribadouro	100	8	100	33			100	8		
Vale do Lima	93	4	100	19			0	0		
Vale do Minho	92	11	100	6			0	0		
Vale do Sousa	100	9	100	9			0	0		
Trás-os-Montes	100	2 058	100	6 597	100	127	100	2 013	100	427
A. Tâmega e Alvão P.	100	92	100	1 968	100	9	100	55	100	15
Barroso	100	24	100	844			100	8		
Beira Douro e Távora	100	12	90	119						
Corgo e Marão	100	4	91	19	90	1				
Douro Superior	100	45	95	149	100	10	95	42		
Planalto Mirandês	100	1 034	100	1 069	100	49	100	1 324	100	304
Terra Fria	100	423	100	1 820	100	37	100	384	100	72
Terra Quente	100	424	100	609	100	21	100	200	100	36
Região Norte	100	2 193	100	6 752	100	127	100	2 024	100	427